

Para onde vai Sarney?

ESTADO DE SÃO PAULO
GERALDO FORBES

O pronunciamento do dr. Sarney esta semana deixou no ar uma dúvida — qual o seu objetivo? O discurso (mais bem dito que os outros) foi extremamente personalista, de autopromoção mesmo, uma fala de candidato. Por isso, fica-se pensando o que visa o presidente, já empossado no cargo.

Tanto quanto se pode ver, o dr. Sarney parece buscar no contato direto com o povo a legitimidade e o apoio que lhe faltam dada a sua fortuita investitura na chefia da Nação. Assim tentaria ele alcançar agora uma liderança pessoal, de forma a, obtendo popularidade, ganhar reversa e proporcionalmente a autoridade que lhe possibilitaria ampliar sua margem de manobra e de comando próprio.

É bastante claro que hoje o presidente é até um certo ponto tutelado pelo estamento militar representado pelo gal. Ivan Mendes de Souza, além de estar restringido em seus movimentos pela desarticulação das forças políticas da moribunda Frente Democrática.

As eleições de 15 de novembro vão apressar o reordenamento do quadro partidário e o mais provável é que os derrotados do PFL e o PDS, dois ramos do outrora frondoso situacionismo da ditadura, voltem a se unir em um novo partido, em tudo semelhante àquele que era presidido pelo próprio dr. Sarney antes de ser rachado por artes do sr. Paulo Maluf.

Por outro lado, o PMDB que emergirá vitorioso de quase todos os pleitos, inclusive do mais importante de todos, aqui em São Paulo, vai ter o seu mandato de partido preferido e majoritário amplamente reforçado.

Outro dado de fundas repercussões que as próximas eleições vão mostrar ao observador atento é a decadência das lideranças pessoais. Aureliano Chaves e seu patrocinado Maurício Campos, antes tidos como imbatíveis em Belo Horizonte, vão virar pó na realidade das urnas. O mito Miguel Arraes será exorcizado no Recife, enquanto em Curitiba o ex-favorito Jaime Lerner verá que seu carisma não era tão grande quanto imaginava.

Os grandes vencedores não serão nem os candidatos eleitos nem os governadores. Os verdadeiros vencedores são os seus partidos, um fenômeno novo nestas paragens. Quem vence em São Paulo não é Fernando Henrique, nem muito menos Montoro. Vence, se vencer como é agora provável, o PMDB, vencem os seus militantes e simpatizantes que, identificados com seu programa e com as mudanças que mal ou bem vão sendo feitas, foram às ruas combater a candidatura populofascista patrocinada pelos filhos do arbítrio — Maluf, Setúbal e Delfim.

Depois das eleições, as coisas postas em seus lugares, as forças se dividirão e agruparão em lotes: um novo partido de centro-direita com os salvados do PDS e PFL, o centro-esquerda majoritário no PMDB, a esquerda tradicional nos PCs, e, mais à esquerda, o radicalismo do PT e, por mera tática não ideológica, a demagogia do PDT. Nos bastidores, à direita, os militares.

Neste quadro tem de se inserir...

UDN e acabou servindo fielmente até o ano passado os regimes autoritários, ainda hesita. Seus companheiros estão no PDS-PFL, para o PMDB ele é um estranho no ninho, qual dos dois escolher?

Se para evitar o dilema o seu plano for buscar diretamente na população um mandato tão claro que venha a ter ele, Sarney, uma força própria e autônoma de molde a poder optar, conforme lhe convier a circunstância, pelo apoio de um ou outro grupo político, corre o sério risco de se esborrachar e com ele o País, conduzido ao sabor de interesses personalistas.

Nestas alturas do campeonato, o dr. Sarney deve olhar com um grão de crítica as pesquisas que mostram sua popularidade e despi-las do encanto do cargo. O presidente é inteligente o bastante para, conhecendo-se a si próprio, reconhecer que não é um líder carismático ou genial, capaz de empolgar a imaginação e a esperança do povo.

O que ele é de fato é um político experimentado, conhecedor do ramo o suficiente para conduzir, por mais três anos, o processo de reformas desde que amparado e ajudado por um ministério capaz e representativo de um partido forte.

Ora, o partido mais forte, gostem ou não, é o PMDB e além disto já dispõe o presidente no seu desconjuntado ministério de um núcleo muito competente, por coincidência ligado ao PMDB paulista. Qualquer análise isenta recomenda que o dr. Sarney aproveite o momento político e o momento econômico (muito favorável apesar de ainda rondar o fantasma da hiperinflação) para fazer uma grande reforma ministerial que tenha como eixo uma clara opção pelo partido vitorioso nas urnas. Não teria sentido ignorá-las aliando-se aos perdedores ou desprezá-las insistindo em buscar um hipotético mandato popular pessoal.

Se o PMDB estiver disposto a virar efetivamente governo, o dr. Sarney deve aceitá-lo pois poderá contar com o apoio popular obtido pelo partido, aportado à sua administração. Se entretanto o presidente tentar prosseguir no malabarismo infértil da Frente Democrática ou perseguir um outro caminho personalista, de duvidosa feitura e obtenção, é melhor tomarmos cuidado. Logo os dos bastidores voltarão ao palco.

Vamos entretanto confiar por uma vez no presidente e imaginar que o seu discurso é realmente um sinal de ruptura com o esquema do passado e da abertura para as forças políticas modernas hoje majoritárias.

A julgar por suas palavras o dr. Sarney tem fresco na memória o atoleiro em que nos ia metendo o sr. Dornelles, órfão de tio e de idéias, no afã de obedecer as regras recessivas e não compreendidas de um monetarismo estúpido, responsável por um prejuízo de trilhões ao Tesouro nacional. Com a sua saída, começou a melhora.

O dr. Funaro e sua troupe já mostraram sua competência, o dr. Pazzianotto é o próprio pacto social, o dr. Gusmão tem muito boas idéias, e ninguém pode duvidar da seriedade do sr. Sayad, duro com a chave do cofre, e nem esquecer os esforços do sr. Flávio Petzold.

